

III

EM JERUSALÉM

Depois de contemplar, angustiadamente, o cadaver paterno, o jovem hebreu acompanhou a irmã, de olhar ansioso, até a porta de acesso a um dos vastos corredores da prisão. Jamais experimentara tão profunda emoção. Ao cérebro atormentado acudiam-lhe os conselhos maternos, quando asseverava que a criatura, acima de tudo, devia amar a Deus. Jamais conhecera lágrimas tão amargas como aquelas que lhe fluíam em torrente, do coração dilacerado. Como reaver a coragem e reorganizar o caminho? Desejou, num relance, romper as algemas, aproximar-se do pai inanimado, afagar-lhe os cabelos brancos e, simultaneamente, abrir todas as portas, correr no encalço de Abigail, toma-la nos braços para nunca mais se apartarem nas estradas da vida. Debalde se estorceu no tronco do martírio, porque, em retribuição aos esforços, somente o sangue manava mais copioso das feridas abertas. Singultos dolorosos abalavam-lhe o peito, á cuja altura a túnica se fizera em rubros frangalhos. Abismado em si mesmo, finalmente, foi recolhido a uma cela húmida, onde, por trinta dias mergulhou o pensamento em profundas cogitações.

Ao fim de um mês, as feridas estavam cicatrizadas e um dos prepostos de Licínio julgou chegado o momento de o encaminhar a uma das galerias do tráfego comercial, onde se encontrava o questor, interessado em assuntos lucrativos.

O moço hebreu perdera o viço róseo das faces e o

tom ingênuo da fisionomia carinhosa e alegre. A rude experiencia déra-lhe uma expressão dolorosa e sombria. Vagava-lhe no semblante indefinível tristeza e na fronte apontavam rugas precoces, nunciativas de velhice prematura; nos olhos, porém, a mesma serenidade doce, oriunda da íntima confiança em Deus. Como outros descendentes da sua raça, sofrera o sacrifício pungente e todavia guardara a fé, como a auréola divina dos que sabem verdadeiramente agir e esperar. O autor dos Provérbios recomendara, como imprescindível, a serenidade da alma em todas as flutuações da vida humana, porque dela procedem as fontes mais puras da existência. E Jeziél guardara o coração. Orfão de pai e mãe, cativo de verdugos cruéis, saberia conservar o tesouro da esperança e procuraria a irmã, até os confins do mundo, se um dia conseguisse, de novo, o beijo da liberdade na fronte escravizada.

Seguido de perto por sentinelas impiedosas, qual se fôra um vagabundo vulgar, cruzou as ruas de Corinto até o porto, onde o internaram no porão infecto de uma galera adornada com o símbolo das águias dominadoras.

Reduzido á mísera condição de condenado a trabalhos perpétuos, enfrentou a nova situação cheio de confiança e humildade. Foi com admiração que o feitor Lisipo anotou-lhe a boa conduta e o esforço nobre e generoso. Habitado a lidar com malfetores e criaturas sem escrúpulos, que, não raro requeriam a disciplina do chicote, surpreendeu-se ao reconhecer no moço hebreu a disposição sincera de quem se entregava ao sacrifício, sem rebeldias e sem baixaza.

Manejando os remos pesados com absoluta serenidade, como quem se dava a uma tarefa habitual, sentia o suor abundante inundar-lhe a face juvenil, relembrou, comovido, os dias laboriosos da sua charrua amiga. Em breve, o feitor reconhecia nele um servo digno de estima e consideração, que soubera impor-se aos próprios companheiros com o prestígio da natural bondade que lhe transbordava dalma.

— Ai de nós! — exclamou um coléga desalentado.

— São raros os que resistem a estes remos malditos, por mais de quatro meses!...

— Mas todo o serviço é de Deus, amigo — respondeu Jeziél altamente inspirado — e desde que aqui nos encontramos em atividade honesta e de consciência tranquila, devemos guardar a convicção de servos do Criador, trabalhando em suas obras.

Para todas as complicações da nova modalidade de sua existência, tinha uma fórmula conciliatória, harmonizando os animos mais exaltados. O feitor surpreendia-se com a delicadeza do seu trato e capacidade de trabalho, que se aliavam aos mais altos valores da educação religiosa recebida no lar.

No bôjo escuro da embarcação, sua firmeza de fé não se modificara. Dividia o tempo entre os labores rudes e as sagradas meditações. A todos os pensamentos, sobrelevava a saudade do ninho familiar, com a esperança de rever a irmã algum dia, por mais que se lhe dilatasse o cativo.

De Corinto, a grande embarcação aproara a Cefalônia e Nicópolis, de onde deveria regressar aos portos da linha de Chipre, depois de ligeira passagem pela costa da Palestina, consoante o itinerario organizado para aproveitar o tempo sêco e tendo em vista que o inverno paralisava toda a navegação.

Afeito ao trabalho, não lhe foi difícil adaptar-se a pesada faina de carga e descarga do material transportado, á manobra dos remos implacaveis e assistência aos poucos passageiros, sempre que lhe requisitavam préstimos, sob o olhar vigilante de Lisipo.

Voltando de Cefalônia, a galera recebeu um passageiro illustre. Era o jóvem romano Sergio Paulus, que se dirigia para a cidade de Cítium, em comissão de natureza política. Com destino ao porto de Nea-Pafos, onde alguns amigos o esperavam, o moço patricio se constituiu, desde logo, entre todos, alvo de grandes atenções. Dada a importancia do seu nome e o carater official da missão a ele cometida, o Comandante Sérvio Carbo reservou-lhe as melhores acomodações.

Sergio Paulus, entretanto, muito antes de aporta-

rem novamente em Corinto, onde a embarcação deveria permanecer alguns dias, em prosseguimento da rota prefixada, adoeceu com febre alta, abrindo-se-lhe o corpo em chagas pustulentas. Comentava-se, á sorrelfa, que, nas cercanias de Cefalonia grassava uma peste desconhecida. O médico de bordo não conseguiu explicar a enfermidade e os amigos do enfélmo começaram a afastar-se com indisfarsavel escrúpulo. Ao fim de três dias, o jóvem romano achava-se quasi abandonado. O Comandante, preocupado, por sua vez, com a propria situação e receoso por si mesmo, chamou Lisipo pedindo-lhe que indicasse um escravo dos mais educados e maneirosos, capaz de incumbir-se de toda a assistência ao passageiro illustre. O feitor designou Jeziél, incontinente, e, na mesma tarde o moço hebreu penetrou no camarote do enfélmo, com o mesmo espirito de serenidade que costumava testemunhar nas situações mais dispaes e arriscadas.

Sergio Paulus tinha o leito em desalinho. Não raro, levantava-se de súbito, no auge da febre que o fazia delirar, pronunciando palavras desconexas e agravando, com o movimento dos braços, as chagas que sangravam em todo o corpo.

— Quem és tú? — perguntou o doente em delírio, logo que enxergou a figura silenciosa e humilde do jóvem de Corinto.

— Chamo-me Jeziél, o escravo que vos vem servir.

E a partir daquele momento, consagrou-se ao enfélmo com todas as reservas da sua afetividade. Com a permissão dos amigos de Sergio, utilizou todos os recursos de que podia dispôr a bordo, imitando a medicação aprendida no lar. Dias seguidos e longas noites, velou á sua cabeceira, com devotamento e boa vontade. Banhos, essencias e unguentos, eram manipulados e applicados com extrema dedicação, como se estivesse a tratar um parente intimo e muito caro. Nas horas mais criticas da enfermidade dolorosa, falava-lhe de Deus, recitava trechos antigos dos profetas, que trazia de cór, cumulando-o de consolações e carinho fraternal.

Sergio Paulus compreendeu a gravidade do mal que

afastara os amigos mais caros e, no convívio daqueles dias, afeiçoou-se ao enfermeiro humilde e bom. Depois de alguns dias em que Jeziél conquistara plenamente a sua admiração reconhecida, pelos atos de inextinguível bondade, o doente entrou em rápida convalescença, com os votos de alegria geral.

E contudo, na véspera de regressar ao porão abafado, o jovem cativo apresentou os primeiros sintomas da moléstia desconhecida que grassava em Cefalonia.

Após entender-se com alguns subordinados de categoria, o Comandante chamou a atenção do patricio já quasi restabelecido e lhe pediu aprovação para o projeto de lançar o jovem ao mar.

— Será preferível envenenar os peixes, antes que afrontar o perigo do contágio e arriscar tantas vidas preciosas — esclarecia Servio Carbo com um sorriso malicioso.

O patricio refletiu um instante e reclamou a presença de Lisipo, entrando os três a tratar do assunto.

— Qual a situação do rapaz? — perguntou o romano com interesse.

O feitor passou a esclarecer que o jovem hebreu lhe viéra com outros homens capturados por Licínio Minúcio, por ocasião dos últimos distúrbios da Acaia. Lisipo, que simpatizava extremamente com o moço de Corinto, procurou pintar com fidelidade a correção da sua conduta, suas maneiras distintas, a benéfica influencia moral que ele exercia sobre os companheiros muitas vezes desesperados e insubmissos.

Depois de longas considerações, Sergio ponderou com profunda nobreza:

— Não posso admitir que Jeziél seja atirado ao mar com a minha aquiescencia. Devo a esse escravo uma dedicacão que equivale á minha propria vida. Conheço Licínio e, se necessário, poderei esclarece-lo mais tarde sobre esta minha atitude. Não duvido que a peste de Cefalonia esteja trabalhando o seu organismo e, por isso mesmo é que lhes peço a cooperacão necessária a-fim-de que esse jovem fique liberto para sempre.

— Mas isso é impossível... — exclamou Sérvio reticenciosamente.

— Por que não? — revidou o romano. — Em que dia atingiremos o porto de Joppe?

— Amanhã, á noitinha.

— Pois bem; espero que vocês não se oponham aos meus planos, e tão logo alcancemos o porto, levarei Jeziél num bote até ás margens, pretextando o ensejo de exercicio muscular, que preciso recommear. Aí, então, restitui-lo-emos á liberdade. E' um feito que se me impõe, em obediencia aos meus principios.

— Mas, senhor... — obtemperou o Comandante indeciso.

— Não aceito restricões quaisquer, mesmo porque, Licínio Minúcio é um velho camarada de meu pai.

E continuou, depois de refletir um momento:

— Não ias atirar o rapaz ao fundo do mar?

— Sim.

— Pois faz constar dos teus apontamentos que o escravo Jeziél, atacado de mal desconhecido, contraído em Cefalonia, foi sepultado no mar, antes que a peste contagiasse os tripulantes e passageiros. Para que o rapaz não se comprometa, instruí-lo-ei a respeito, dando-lhe umas tantas ordens terminantes. Além disso, noto-o bastante enfraquecido para resistir com exito ás crises culminantes da moléstia ainda em comêço. Quem poderá garantir que ele resistirá? Quem sabe morrerá ao abandono, no segundo minuto de liberdade?

O Comandante e o feitor trocaram um olhar intelligente, de implicito acôrdo mútuo.

Depois de longa pausa, Servio concordou, dando-se por vencido:

— Está bem, seja.

O moço patricio estendeu a mão aos dois e murmurou:

— Por este obséquio ao meu dever de consciencia, poderão sempre dispor em mim de um amigo.

Daí a instantes, Sérgio acercou-se do jovem, semi-adormecido junto do seu camarote e já tomado da

febre em comêço de explosão, dirigindo-lhe a palavra com delicadeza e bondade:

— Jeziél, desejarias voltar á liberdade?

— O' senhor, exclamou o jóven reanimando o organismo com um raio de esperança.

— Quero compensar a dedicação que me dispensaste nos longos dias da minha enfermidade.

— Sou vosso escravo, senhor. Nada me deveis.

Ambos falavam o grego e, refletindo subitamente na situação de futuro, o patricio interrogou:

— Sabes o idioma comum da Palestina?

— Sou filho de israelitas, que me ensinaram a lingua materna nos mais verdes anos.

— Então, não te será difficil recommençar a vida nessa provincia.

E, medindo as palavras como se temesse alguma surpresa contrária aos seus projetos, acentuou:

— Jeziél, não ignoras que te encontras enfêrmo, talvez tão gravemente quanto eu, ha alguns dias. O Comandante, atento á possibilidade de um contágio geral, dada a presença de numerosos homens a bordo, pretendia lançar-te ao mar; contudo, amanhã de tarde chegaremos a Joppe e hei de valer-me dessa circumstancia para devolver-te á vida livre. Não desconheces, todavia, que, assim procedendo, estou a infringir certas determinações importantes que regem os interêsses de meus compatriotas, e é justo pedir-te sigilo da minha resolução.

— Sim, senhor — respondia o rapaz extremamente abatido, tentando com difficuldade coordenar as idéias.

— Sei que dentro em pouco a enfermidade assumirá graves proporções, prosseguiu o benfeitor. Dar-te-ei a liberdade, mas só o teu Deus poderá conceder-te a vida. Entretanto, caso te restabeleças, deverás ser um novo homem, com um nome diferente. Não desejo ser inculpado de traidor dos meus proprios amigos e devo contar com a tua cooperação.

— Obdecer-vos-ei em tudo, senhor.

Sérgio lançou-lhe um olhar generoso e terminou:

— Tomarei todas as providencias. Dar-te-ei algum dinheiro para atenderes ás primeiras necessidades e vestirás uma de minhas velhas tunicas; mas, tão logo seja possível, vai-te de Joppe para o interior da provincia. O porto está sempre cheio de marinheiros romanos, curiosos e maleficientes.

O enfêrmo fez um sinál de agradecimento, enquanto Sérgio se retirava para atender ao chamado de alguns amigos.

No dia imediató, á hora esperada, o casario palestinese estava á vista. E quando luziam os primeiros astros da noite, pequeno batél aproximava-se de um local silencioso das margens, tripulado por dois homens cujos vultos se perdiam na sombra. Derradeiras palavras de bom conselho e despedida e o moço hebreu osculou, comovidamente, a destra do benfeitor, que voltou á galéra apressado, como num exercicio fisico de grande efeito.

Mal não dera os primeiros passos, Jeziél sentou-se premido pelas dôres gerais que lhe tomavam todo corpo e pelo abatimento natural, consequente á febre que o consumia. Idéias confusas dansavam-lhe no cérebro. Queria pensar na ventura da libertação; desejava fixar a imagem da irmã, que haveria de procurar no primeiro ensêjo; mas, estranho torpôr infirmava-lhe as faculdades, acarretando-lhe sonolencia invencível. Olhou, indifferente, as estrelas que povoavam a noite refrescada pelas brisas marinhas. Reparou que havia movimento nas casas próximas, mas, deixou-se ficar inerte no matagal a que se recolhera, junto á praia. Pesadêlos estranhos dominaram-lhe o repouso fisico, enquanto o vento lhe acariciava a fronte enfebrecida.

De madrugada, acordou ao contacto de mãos desconhecidas, que lhe revistavam atrevidamente os bolsos da túnica.

Abriendo os olhos estremunhado, notou que os primeiros clarões da alvorada listravam os horizontes. Um homem de fisionomia sagaz inclinava-se sôbre ele, procurando alguma cousa, com ansiedade que o moço hebreu adivinhou de relance, convencido de haver to-

pado um desses malfeitores comuns, ávidos da bolsa alheia. Estremeceu e fez um movimento involuntário, observando que o assaltante inesperado alçara a mão direita, empunhando um instrumento, na iminência de exterminar-lhe a vida.

— Não me mates, amigo — balbuciou com voz trêmula.

A essas palavras, ditas comovedoramente, o meliante susteve o golpe homicida.

— Dar-vos-ei todo o dinheiro que possuo — rematou o rapaz com tristeza.

El, vasculhando a algibeira em que guardara o escasso dinheiro que lhe dera o patricio, tudo entregou ao desconhecido, cujos olhos fulguravam de cobiça e prazer. Num relance, aquela fisionomia contrafeita transformava-se no semblante risonho de quem deseja aliviar e socorrer.

— O'! O'! sois excessivamente generoso! — murmurou apossando-se da bolsa recheada.

— O dinheiro é sempre bom — disse Jeziél — quando com ele podemos adquirir a simpatia ou a misericórdia dos homens.

O interlocutor fingiu não perceber o alcance filosófico daquelas palavras e asseverou:

— Vossa bondade, entretanto, dispensa o concurso de quaisquer elementos estranhos para a conquista de bons amigos. Eu, por exemplo, dirigia-me agora para o meu trabalho no porto, mas experimentei tanta simpatia pela vossa situação que aqui estou para quanto vos preste.

— Vosso nome?

— Irineu de Crótona, para vos servir — respondeu o interpelado, visivelmente satisfeito com o dinheiro que lhe refertava o bolso.

— Meu amigo — exclamou o rapaz extremamente enfraquecido — estou enfêrmo e não conheço esta cidade, de modo a tomar qualquer resolução. Podéis indicar-me algum albergue ou alguém que me possa prestar a caridade de um asilo?

Irineu esboçou um fácies de fingida piedade e respondeu:

— Pesa-me nada ter para colocar á disposição de vossas necessidades; e também não sei onde possa existir um abrigo adequado para receber-vos, como se faz preciso. A verdade é que, para a prática do mal todos estão prontos, mas para fazer o bem...

Depois, concentrando-se por momentos, acrescentou:

Ah! agora me lembro!... Conheço umas pessoas que vos podem auxiliar. São os homens do "Caminho" (1).

Mais algumas palavras, Irineu prontificou-se a conduzi-lo ao conhecido mais próximo, amparando-lhe o corpo enfêrmo e vacilante.

O sól caricioso da manhã começava a despertar a natureza com os seus raios quentes e confortadores. Feita a reduzida caminhada por um atalho áspero, amparado pelo meliante arvorado em benfeitor, Jeziél parava á porta de uma casa de aparência humilde. Irineu entrou e de lá regressou com um homem idoso, de semblante agradável, que estendeu a mão, cordialmente, ao moço hebreu, dizendo:

— De onde vens, irmão?

O rapaz admirou-se de tanta afabilidade e delicadeza, num homem a quem via pela primeira vez. Por que lhe dava o título familiar, reservado ao círculo mais íntimo dos que nasciam sob o mesmo tecto?

— Por que me chamais irmão, se não me conheceis? — interrogou comovido.

Mas o interpelado, renovando o sorriso generoso, acrescentava:

— Somos todos uma grande família em Cristo Jesus.

Jeziél não compreendeu. Quem seria aquele Jesus? Um novo deus para os que desconheciam a lei? Reconhecendo que a enfermidade não lhe dava ensanchas a cogitações religiosas ou filosóficas, respondeu simplesmente:

(1) Primitiva designação do Cristianismo. (Nota de Emmanuel).

— Deus vos recompense pela generosidade da acolhida. Venho de Cefalônia, tendo adoecido gravemente em viagem, e assim é que, neste estado, recorro á vossa caridade.

*. Efraim — disse Irineu dirigindo-se ao dono da casa — nosso amigo tem febre e o seu estado geral requer cuidados. Você que é um dos bons homens do “Caminho”, ha-de acolhe-lo com o coração dedicado aos que sofrem.

Efraim aproximou-se mais do j6vem enf6rmo e observou:

— Não é o primeiro doente de Cefal6nia que o Cristo envia á minha porta. Ainda ante-ontem, outro aqui surgiu com o corpo crivado de feridas de mau carater. Aliás, conhecendo a gravidade do caso, pretendo logo á tarde leva-lo para Jerusalém.

— Mas, é necessário ir tão longe? — perguntou Irineu com certo espanto.

— Somente lá, temos maior número de cooperadores — esclareceu com humildade.

Ouvindo o que diziam e considerando a necessidade de ausentar-se do porto em obediencia ás recomendações do patrício que se lhe mostrara tão amigo, restituindo-o á liberdade, Jeziél dirigiu-se a Efraim num ap6lo humilde e triste:

— Por quem sois! levai-me para Jerusalém convosco, por piedade!...

O interpelado evidenciando natural bondade, anuiu sem maior estranheza:

— Irás comigo.

Abandonado por Irineu aos cuidados de Efraim, o doente recebeu carinhos de um verdadeiro amigo. Não fosse a febre e teria travado com o irmão um conhecimento mais íntimo, procurando conhecer minuciosamente os nobres princípios que o levaram a estender-lhe a mão protetora. Contudo, mal conseguiu manter-se de pensamento vigilante s6bre si mesmo, a-fim-de elucidar as suas interrogações carinhosas, medicando-se convenientemente.

Ao crepúsculo, aproveitando a frescura da noite,

uma carroça cuidadosamente velada por um toldo de pano barato, saia de Jope com destino a Jerusalém.

Caminhando cuidadoso para não esfaltar a pobre alimária, Efraim transportava os dois enf6rmos á cidade próxima, buscando os recursos indispensaveis. Descansando aqui e ali, somente na manhã seguinte o veículo parou á porta de uma casarão de grandes proporções, aliás paupérrimo em sua feição exterior. Um rapaz de semblante animado veiu atender ao recém-vindo, que o interpelou com intimidade:

— Urias, poderás dizer-me se Simão Pedro está?

— Está, sim.

— Poderás chama-lo em meu nome?

— Vou já.

Acompanhado de Tiago, irmão de Levi, Simão apa-receu e recebeu o visitante com efusivas demonstrações de carinho. Efraim esclareceu o motivo da sua presença. Dois desamparados do mundo requeriam auxílio urgente.

— Mas é quasi impossivel — atalhou Tiago. — Estamos com quarenta e nove doentes acamados.

Pedro esboçou um sorriso generoso e obtemperou:

— Ora, Tiago, se estivessemos pescando, seria justo nos eximissemos d6sse ou daquele dever, que exorbitasse a esfera das obrigações inadiaveis de cada dia, junto da família, cuja organização vem de Deus; mas agora o Mestre nos legou o trabalho de assistencia a todos os seus filhos no sofrimento. Presentemente, nosso tempo se destina a isso; vejamos, pois, o que é possivel fazer.

E o bondoso Ap6stolo adiantou-se para acolher os dois infelizes.

Desde que viera do Tiberiades para Jerusalém, Simão transformara-se em celula central de grande movimento humanitarista. Os fil6sofos do mundo sempre pontificaram de cátedras confortaveis, mas nunca desceram ao plano da ação pessoal, ao lado dos mais infortunados da sorte. Jesus renovara, com exemplos divinos, todo o sistema de pregação da virtude. Chamando a si os aflitos e os enfermos, inaugurara no mundo a fórmula da verdadeira benemerencia social.

As primeiras organizações de assistência ergueram-se com o esforço dos Apóstolos, ao influxo amoroso das lições do Mestre.

Era por esse motivo que a residência de Pedro, doação de vários amigos do "Caminho", regorgitava de enfermos e desvalidos sem esperança. Eram velhos a exibirem úlceras asquerosas, procedentes de Cesaréia; loucos que chegavam das regiões mais longínquas, conduzidos por parentes ansiosos de alívio; crianças paralíticas, da Iduméia, nos braços maternos, todos atraídos pela fama do profeta Nazareno, que ressuscitava os próprios mortos e sabia restituir tranquilidade aos corações mais infelizes do mundo.

Natural que nem todos se curassem, o que obrigava o velho pescador a agasalhar consigo todos os necessitados, com carinho de um pai. Recolhendo-se ali, com a família, era auxiliado particularmente por Tiago, filho de Alfeu, e João; mas em breve Filipe e suas filhas instalavam-se igualmente em Jerusalém, cooperando no grande esforço fraternal. Tamanho o movimento de necessitados de toda sorte, que ha muito Simão não mais podia entregar-se a outro mistério, no concernente à pregação da Boa Nova do Reino. A dilatação desses misteres vinculara o antigo discípulo aos maiores núcleos do judaísmo dominante. Obrigado a valer-se do socorro dos elementos mais notáveis da Cidade, Pedro se sentia cada vez mais escravo dos seus amigos benfeitores e dos seus pobres beneficiados, acorridos de toda parte, em grau de recurso supremo ao seu espírito de discípulo abnegado e sincero.

Atendendo ás solicitações confiantes de Efraim, providenciou para que ambos os enfermos fôsem instalados na sua casa pobre.

Jeziél ocupou o leito asseado e singelo, em estado de completa inconsciência, no delírio da febre que o devorava. Suas palavras desconexas, entretanto, revelavam tão exato conhecimento dos textos sagrados, que Pedro e João se interessaram de modo especial por áquelle jovem de faces macilentas e tristes. Mórmente Simão, passava longas horas entretido em ouvi-lo, ano-

tando-lhe os conceitos profundos, embora filhos da exaltação febril.

Decorridas duas semanas exaustivas, Jeziél melhorou, reharmonizando as próprias faculdades para melhor analisar e sentir a nova situação. Afeiçoara-se a Pedro, como um filho afetuoso ao legítimo pai. Notando-lhe o carinho, de leito em leito, de necessitado a necessitado, o moço hebreu experimentava deliciosa e íntima surpresa. O ex-pescador de Cafarnaum, relativamente moço ainda, era o exemplo vivo da renúncia fraterna.

Tão logo convalescente, Jeziél foi transferido a um ambiente mais calmo, á sombra amena de grandes tamarizais que circundavam a velha casa.

Entre ambos estabelecera-se, desde os primeiros dias, a corrente magnética das grandes atrações afetivas.

Nessa manhã, as observações amáveis sucediam-se e, não obstante a justa curiosidade que lhe pairava na alma, a respeito do interessante hóspede, Simão ainda não tinha logrado o ensêjo de um intercâmbio de idéias mais íntimo, de maneira a sondar-lhe os pensamentos, inteirando-se dos seus sentimentos íntimos e da sua origem. Ao sópro generoso da aragem matinal, sob as árvores frondosas, o Apóstolo criou animo e, a certa altura, depois de distrair o convalescente com alguns ditos afetuosos, buscou penetrar-lhe o mistério cuidadosamente:

— Amigo, — disse com jovial sorriso — agora que Deus te restituiu a saúde preciosa, regosijo-me de havermos recebido tua visita em nossa casa. Nosso júbilo é sincero, pois que, nos mínimos detalhes da tua permanência entre nós, revelaste a condição espiritual de filho legítimo dos lares organizados com Deus, pelo conhecimento que tens dos textos sagrados. E tanto me impressionei com as tuas referências a Isaías, quando deliravas com febre alta, que desejaria saber de que tribu descendes.

Jeziél compreendeu que aquelle amigo delicado, antes irmão carinhoso nas horas mais críticas da enfermidade, desejava conhece-lo melhor, identifica-lo íntima e profundamente, com delicada argúcia psicológica. Achou

justo e considerou que não devia desprezar o amparo de um coração verdadeiramente fraterno para o acendramento das próprias energias espirituais.

— Meu pai era filho dos arredores de Sebaste e descendia da tribo de Issachar — esclareceu atencioso.

— E era tão altamente dedicado ao estudo de Isaías?

— Estudava sinceramente todo o Testamento, sem preferencias talvez, de ordem particular. A mim, porém, Isaías sempre me impressionou profundamente pela beleza das promessas divinas de que foi portador, anunciando-nos o Messias, sobre cuja vinda tenho meditado desde a infância.

Simão Pedro esboçou um sorriso de viva satisfação e disse:

— Mas, não sabes que o Messias já veio?

Jeziél teve um brusco sobressalto na cadeira improvisada.

— Que dizeis? — inquiriu ansioso.

— Nunca ouviste falar em Jesus de Nazaré?

Embora recordasse vagamente as palavras ouvidas de Efraim, declarou:

— Nunca!

— Pois o profeta nazareno já nos trouxe a mensagem de Deus para todos os séculos.

E Simão Pedro, olhos acesos na chama luminosa dos que se sentem felizes ao recordar um tempo venturoso, falou-lhe da exemplificação do Senhor, trançando uma perfeita biografia verbal do Mestre sublime.

Em traços de forte colorido, lembrou os dias em que o hospedava no seu tugurio á margem do Genesaré, as surtidas pelas aldeias vizinhas, as excursões de barca, de Cafarnaum aos sitios marginaes do lago. Era de ver-se-lhe a emoção intraduzível da voz, a alegria interior com que rememorava os feitos e prédicas junto ao lago marulhoso, acariciado pelo vento, a poesia e a suavidade dos crepusculos vespertinos. A imaginação viva do Apóstolo sabia tecer comentários judiciosos e brilhantes ao evocar um leproso curado, um cego que recuperara a vista, uma criancinha doente e prestes restabelecida.

Jeziél bebia-lhe as palavras, inteiramente empolgado, como se houvesse encontrado um mundo novo. A mensagem da Boa-Nova penetrava-lhe o espirito desencantado, como um bálsamo suave.

Quando Simão parecia prestes a terminar a narrativa, não pôde conter-se e perguntou:

— E o Messias? Onde está o Messias?

— Ha mais de um ano — exclamou o apóstolo apagando a vivacidade com a lembrança triste — foi crucificado aqui mesmo em Jerusalém, entre dois ladrões.

Em seguida, passou a enumerar os martírios pungentes, as dolorosas ingratidões de que fôra vítima, os ensinoss derradeiros e a gloriosa ressurreição do terceiro dia. A seguir, falou dos primeiros dias do apostolado, dos acontecimentos de Pentecostes e das últimas aparições do Senhor, no cenário sempre saudoso da Galiléia distante.

Jeziél tinha as pupilas humidas. Aquellas revelações sensibilizavam-lhe o coração. Como se houvesse conhecido o profeta de Nazaré e ligando o seu perfil aos textos, que retinha de cór, repetia, quasi em voz alta, como se falasse consigo mesmo:

— “Levantar-se-á (1) como um arbusto verde, na ingratidão de um sólo árido...”

Carregado de opróbrios e abandonado dos homens.

Coberto de ignominias não merecerá consideração.

Será ele quem carregará o fardo pesado de nossas culpas e sofrimentos, tomando sobre si todas as nossas dores.

Parecerá um homem vergado sob a cólera de Deus...

Humilhado é ferido deixar-se-á conduzir como um cordeiro, mas desde o instante em que oferecer sua vida, os interesses do Eterno hão de prosperar nas suas mãos.”

(1) Do capítulo LIII, de Isaías.

Simão admirado de tanto conhecimento dos sagrados textos terminou dizendo:

— Vou buscar-te os textos novos. São as anotações de Leví (2) sobre o Messias redivivo.

E, em breves minutos o Apóstolo lhe punha nas mãos os pergaminhos do Evangelho. Jeziél não leu; devorou. Assinalou, em voz alta, uma a uma, todas as passagens da narrativa, seguido pela atenção de Pedro intimamente satisfeito.

Terminada a rápida análise, o jôvem advertiu:

— Encontrei o tesouro da vida, preciso examina-lo com mais vagar, quero saturar-me da sua luz, pois aqui pressinto a chave dos enigmas humanos.

Quasi em lágrimas, leu o Sermão da Montanha, secundado pelas comovedoras lembranças de Pedro. Em seguida, ambos passaram a comparar os ensinamentos do Cristo com as profecias que o anunciavam. O jôvem hebreu estava comovidissimo e queria conhecer os mínimos episódios da vida do Mestre. Simão procurava satisfazê-lo, edificado e satisfeito. O generoso amigo de Jesus, tão incompreendido em Jerusalém, experimentava uma alegria orgulhosa por haver encontrado um jôvem que se entusiasmava com os exemplos e ensinamentos do Mestre incomparavel.

— Desde que dei acôrdo de mim em vossa casa — disse Jeziél — verifiquei que participais de princípios que me não são conhecidos. Tanta preocupação em amparar os desfavorecidos da sorte representa uma lição nova para minh'alma. Os doentes que vos abençoam, qual o faço agora, são tutelados desse Cristo que eu não tive a ventura de conhecer.

— O Mestre amparava a todos os sofredores e nos recomendou que o mesmo fizéssemos em seu nome, esclareceu o Apóstolo enfaticamente.

— De acôrdo com as instruções do Levítico, — disse Jeziél — toda cidade deve possuir longe de suas portas um vale, destinado aos leprosos e pessoas con-

(2) Mateus.

sideradas imundas; entretanto, Jesus nos deu um lar no coração daqueles que o seguem.

— Cristo nos trouxe a mensagem do amor — explicou Pedro — completou a lei de Moisés, inaugurando um novo ensinamento. A lei antiga é justiça, mas o Evangelho é amor. Enquanto o código do passado preceituava o "olho por olho, dente por dente", o Messias ensinou que devemos "perdoar setenta vezes sete vezes" e que se alguém quiser tirar-nos a túnica devemos dar-lhe também a capa.

Jeziél sensibilizou-se e chorou. Aquele Cristo amoroso e bom, suspenso na cruz da ignomínia humana, era a personificação de todos os heroísmos do mundo. Como se aliviava ao analisa-lo! Sentia-se bem por não haver reagido contra o despotismo de que fôra vítima. Cristo era o Filho de Deus e não desdenhara o sofrimento. Seu cálice transbordara e Pedro lhe fazia sentir que, nos instantes mais acerbos, aquele Mestre desconhecido e humilde, no mundo, sabia transmitir a lição da coragem, da renúncia e da vida. Como exemplo do seu amor, ali estava aquele homem simples e carinhoso, que o chamava de irmão, que o acolhia como pai dedicado. O rapaz lembrou seus últimos tempos em Corinto e chorou longamente. Foi aí que, abrindo o coração, tomou as mãos de Pedro e contou-lhe toda a sua tragédia, sem nada omitir e rogando-lhe conselhos.

Finalizando a narrativa, acrescentou comovido:

— Revelaste-me a luz do mundo; perdoai, pois, se vos revelo meus sofrimentos, que devem ser justos. Tendes no coração as claridades da palavra do Salvador e haveis de inspirar minha pobre vida.

O apóstolo abraçou-o e murmurou:

— Julgo prudente guardares o teu anonimato, pois Jerusalém regorgita de romanos e não seria justo comprometer o generoso amigo que te restituiu á liberdade. Teu caso, entretanto, não é novo, meu amigo. Estou nesta cidade ha quasi um ano, e, por estes leitoss singelos têm passado as mais singulares criaturas. Eu que era um paupérrimo pescador, tenho adquirido ampla experiencia do mundo, nestes poucos menses! A'

estas portas têm batido homens esfarrapados, que foram políticos importantes; mulheres leprosas, que foram quasi rainhas! Em contacto com a história de tantos castelos desmoronados, no jôgo das vaidades mundanas, agora reconheço que as almas necessitam do Cristo, acima de tudo.

Essas explicações singulares constituíam um conforto para Jeziél, que interrogou agradecido:

— E achais que vos poderia servir em alguma cousa? Eu que era cativo dos homens, desejava escravizar-me ao Salvador, que soube viver e morrer por todos nós.

— Serás meu filho doravante — exclamou Simão num transporte de júbilo.

— E já que preciso reformar-me em Cristo, como me chamarei? — perguntou Jeziél com olhos fulgurantes de alegria.

O Apóstolo refletiu algum tempo e falou:

— Para que não te esqueças da Acaia, onde o Senhor se dignou de buscar-te para o seu ministério divino, eu te batizarei no credo novo com o nome grego de Estevam.

Consolidaram-se ainda mais os laços de simpatia que os aproximavam, desde o primeiro instante, e o moço jamais olvidaria aquele encontro com o Cristo, á sombra das tamareiras aureoladas de luz.

Durante um mês, Jeziél agora conhecido por Estevam, absorveu-se no estudo de toda exemplificação e ensinamentos do Mestre que não chegara a conhecer de modo direto.

A casa dos Apóstolos, em Jerusalém, apresentava um movimento de socorro aos necessitados, cada vez maior, requerendo vasto coeficiente de carinho e dedicação. Eram loucos a chegar de todas as províncias, anciães abandonados, crianças esqueléticas e famintas. Não só isso. A' hora habitual das refeições, extensas filas de mendigos comuns imploravam a esmola da sôpa. Acumulando as tarefas com ingente sacrificio, João e Pedro, com o concurso dos companheiros, haviam construído um pavilhão modesto, destinado aos serviços

da igreja, cuja fundação iniciavam para difundir as mensagens da Boa Nova. A assistência aos pobres, entretanto, não dava tréguas ao labor das idéias evangélicas. Foi quando João considerou irrazoavel que os discípulos diretos do Senhor menosprezassem a sementeira da palavra divina e despendessem todas as possibilidades de tempo no serviço do refeitório e das enfermarias, visto que, dia a dia, multiplicava o número de doentes e infelizes, que recorriam aos seguidores de Jesus como á ultima esperança para os seus casos particulares. Havia enfêrmos que batiam á porta, benfeitores da nova instituição que requeriam situações especiais para os seus protegidos, amigos que reclamavam providencias a favor dos órfãos e das viúvas.

Na primeira reunião da igreja humilde, Simão Pedro pediu, então, nomeassem sete auxiliares para o serviço das enfermarias e dos refeitórios, resolução que foi aprovada com geral apazimento. Entre os sete irmãos escolhidos, Estevam foi designado com a simpatia de todos.

Começou para o jôvem de Corinto uma vida nova. Aquelas mesmas virtudes espirituais que iluminavam a sua personalidade e que tanto haviam contribuído para a cura do patricio que o restituira á liberdade, difundiam entre os doentes e indigentes de Jerusalém os mais santos consolos. Grande parte dos enfêrmos recolhidos ao casarão dos discípulos, recobram a saúde. Velhos desalentados encontravam bom animo sob á influencia da sua palavra inspirada na fonte divina do Evangelho. Mães aflitas buscavam-lhe o conselho seguro; mulheres do povo, esgotadas pelo trabalho e angústias da vida, ansiosas de paz e consolação, disputavam o conforto da sua presença carinhosa e fraterna.

Simão Pedro não cabia em si de contente, em face das vitórias do filho espiritual. Os necessitados tinham a impressão de haver recebido um novo arauto de Deus para alívio de suas dores.

Em pouco tempo, Estevam tornou-se famoso em Jerusalém, pelos seus feitos quasi miraculosos. Considerado como escolhido do Cristo, sua ação resoluta e

sincera arregimentara, em poucos meses, as mais vastas conquistas para o Evangelho do amor e do perdão. Seu nobre esforço não se limitava á tarefa de mitigar a fome dos desvalidos. Entre os apóstolos galileus, sua palavra resplandecia nas prêgações da igreja, iluminada pela fé ardente e pura. Quando quasi todos os companheiros, a pretexto de não ferirem velhos princípios estabelecidos, deixavam de ampliar os comentários públicos, para além das considerações agradaveis ao judaismo dominante, Estevam apresentava á multidão, desassombradamente, o Salvador do mundo na glória das novas revelações divinas, indiferente ás lutas que iria provocar comentando a vida do Mestre com o seu verbo inflamado de luz. Os próprios discipulos surpreendiam-se com a magia das suas profundas inspirações. Alma temperada na forja sublime do sofrimento, sua prêgação estava cheia de lágrimas e alegrias, de apelos e aspirações.

Em poucos meses, seu nome era aureolado por uma veneração surpreendente. E, ao fim do dia, quando chegavam as orações da noite, o moço de Corinto, ao lado de Pedro e João falava das suas visões e das suas esperanças, cheio do espírito daquele Mestre adoravel, que, através do seu Evangelho, lhe semeara no coração as estrelas abençoadas de um júbilo infinito.

IV

NAS ESTRADAS DE JOPPE

Estamos em Jerusalém, numa clara manhã do ano 35.

No interior de sólido edificio, onde tudo transpira o confôrto e luxo contemporaneos, um homem ainda moço parece impaciente, á espera de alguem que se demora. Ao menor rumor na via pública, corre á janela apressado, voltando a sentar-se e a examinar papiros e pergaminhos, como quem se diverte matando o tempo.

Chegando á cidade, depois de uma semana de viagem exhaustiva, Sadoc aguardava o amigo Saulo para o abraço afetuoso da sua amizade de muitos anos.

Dentro em breve um carro minúsculo, semelhante ás bigas romanas, estacava á porta, tirado por dois soberbos cavalos brancos. Num minuto, os nossos personagens se abraçaram efusivamente, transbordantes de alegria e juventude.

O jôvem Saulo apresentava toda a vivacidade de um homem solteiro, bordejando os seus trinta anos. Na fisionomia cheia de virilidade e máscula beleza, os traços israelitas fixavam-se particularmente nos olhos profundos e percucientes, propios dos temperamentos apaixonados e indomaveis, ricos de agudeza e resolução. Trajando a túnica do patriciato, versava de preferencia o grego, a que se afeçoara na cidade natal, ao convívio de mestres bem amados e trabalhados pelas escolas de Atenas e Alexandria.